



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ENSINO

FORMAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIAS E DIVERSIDADE

02 a 04 de Agosto de 2023



NARRATIVAS E CULTURA DA INFÂNCIA: PEQUENOS MUNDOS POTENTES

Jaqueline Rodrigues Ferreira¹
Alonso Bezerra de Carvalho²

Resumo

Em vista aos desafios na Educação Infantil, este trabalho visa discutir sobre o governo da infância e em contrapartida a constituição das narrativas das crianças mediante a cultura da infância, conferindo visibilidade ao imaginário infantil. As vivências analisadas ocorreram no período de 2022 na Emei '1,2...feijão com arroz' localizada em Marília-SP, com crianças da pré-escola. Este estudo foi realizado a partir da abordagem metodológica pesquisa-ação, também chamada de pesquisa participante conforme Rodrigues Brandão (2015), na formulação de discussões e análises sobre a relação entre o brincar e o imaginário infantil com ênfase na documentação pedagógica a partir das mini-histórias.

Palavras-chave: governo da infância; cultura infantil; brincar;

Introdução

Conforme aponta Formozinho e Araújo (2007, p. 290) os sistemas escolares contemporâneos se constituíram a partir de três principais eixos,

¹ Professora na Educação Infantil na rede pública de Marília- SP. Formação em Geografia, Pedagogia, Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação – Unesp-Faculdade de Filosofia e Ciências - Marília-SP, Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação do Brasil, sob a orientação do prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho. E-mail: jaqueline.rodrigues@unesp.br

² Professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp/Marília. E-mail:alonso.carvalho@unesp.br

primeiro a organização escolar de modo universalizante e em consequência massificado, a adoção de um modelo burocrático e industrial, bem como, pela dominância estatal, exercida pelo controle dos sistemas de ensino. Logo, tais aspectos constituem grande parte dos problemas da educação.

O governo da infância e a racionalidade na Educação Infantil podem ser identificados por diferentes prismas, entre eles, mediante a valorização da escolarização, na ânsia em desenvolver o ensino e aprendizado de conteúdos. Podemos perceber que estas concepções pedagógicas desconsideram a escuta da criança em seu processo de desenvolvimento e constituição do conhecimento, invisibilizando as narrativas das crianças como sujeitos portadores e construtores de cultura.

Em um primeiro momento, para contextualizar as reflexões deste trabalho e as problemáticas no campo educativo da Educação Infantil foram utilizados os estudos de Resende (2015) e Neto (2007) e (2015). Também são utilizadas as discussões a partir da obra *Reflexões sobre infância e cultura*, conforme as autoras Vasconcelos (2008) Picança (2008) e Borba (2008), em que foram analisadas as transformações na concepção de infância, a cultura da infância e as narrativas infantis.

Tendo em vista tais problemáticas, este estudo visa analisar e discutir sobre a relação entre vivências, o brincar e a produção de narrativas de uma turma de Infantil I da pré-escola na Emei '1,2... feijão com arroz' localizada na cidade de Marília-SP. As reflexões e análises terão como base a documentação pedagógica a partir das mini-histórias, dando visibilidade ao imaginário infantil e à cultura da infância.

Resultados e discussões

A partir da modernidade, por volta do fim do século XVII, a infância passa a ser compreendida a partir de novas normativas sociais, ocupando um novo lugar social. Ou seja, se até o fim desse período a criança era representada e compreendida como um adulto em miniatura, logo em seguida, a infância passa a ser pensada segundo um modelo estabelecido de modo científico e institucional, na fabricação de uma infância.

Pensar a infância, problematizando-a como uma invenção, permite perceber sua construção histórica como categoria das ciências do homem e a forma como ela é engendrada no contexto social moderno. Neste sentido, pensá-la com Foucault possibilita ver, desde essa perspectiva administrativa, o que se está fazendo da infância e com a infância em nosso tempo presente (RESENDE, 2015, p. 7).

Conforme Resende (2015, p. 8), pensar a infância significa nos indagarmos a respeito do funcionamento de nossas instituições, “problematizando-a como uma invenção histórica, num gesto de crítica, consiste em ativar o pensamento e em ensaiar a mudança [...]”. Além da família e do meio social, a escola é o lugar por excelência da realização da educação, logo, de acordo com Neto (2015, p. 56) “conhecer os modos pelos quais as crianças estão sendo governadas tem tudo a ver com o tipo de sociedade futura que está hoje a ser gestada nas famílias, nas escolas e nos espaços sociais mais abertos”.

Nesta perspectiva, este modelo da escola moderna é compreendido como um dos aparatos do Estado para exercer controle, em que a escola passa a exercer o papel de dispositivo de segurança para assegurar a governamentalidade sobre o corpo e da alma. Ou seja, segundo Neto (2015, p. 55) “podemos dizer que governar a infância significa educar as crianças, moldando-lhes a alma que é, ao mesmo tempo, efeito e instrumento de uma anatomopolítica dos e sobre os corpos infantis”.

Conforme Neto (2007, p. 952) o termo governo é utilizado “para designar todo o conjunto de ações de poder que objetivam conduzir (governar) deliberadamente a própria conduta ou a conduta de outros”. Logo, observamos na Educação Infantil que “o ato de brincar carece de um tempo, de um espaço, de livre escolha, de regulação interna, de flexibilidade” (VASCONCELLOS, 2008, p. 115).

De acordo com Formosinho (2007, p. 8) o fazer pedagógico se consolidou sob a influência principalmente dos modelos pedagógicos da segunda metade do século XIX e século XX, bem como, sob os pressupostos teóricos da psicologia do desenvolvimento da aprendizagem, além das ciências sociais e dos movimentos sociais que colocaram em pauta os direitos das crianças na constituição de leis e políticas públicas para a infância.

Em uma perspectiva sociointeracionista, ao considerarmos as teorias de Wallon e Vygotsky, compreendemos que “o desenvolvimento humano ocorre a partir da ação do indivíduo com o meio” (PICANÇO, 2008, p. 157). Além do meio que circunda a criança, a inter-relação decorrente das práticas sociais, ocasionam a troca de valores culturais, os quais são reelaborados e ressignificados.

Com base no conceito de “reprodução interpretativa” de Corsaro, Borba (2008, p. 80) ressalta que as crianças atuam “no mundo como atores sociais reflexivos, reinterpretando-no [...]”. Portanto a cultura da infância não pode ser compreendida de modo isolado, mas de modo articulado com a cultura social do adulto. Os trabalhos e pesquisas sobre as culturas da infância de acordo com Borba:

têm buscado dar voz às crianças, penetrando em seus mundos sociais e culturais e revelando seus modos próprios de sentir, pensar e agir sobre o mundo, até então silenciados pelos estudos predominantemente centrados em uma concepção única e universal de criança (BORBA, 2008, p. 78).

A compreensão de que a criança é portadora e produtora de cultura traz consequências para a prática pedagógica, entre elas, pensar a respeito da participação da criança como autora de seu processo de desenvolvimento, ou seja, “ser autora é também se constituir como agente de sua experiência social, organizando com seus pares as suas brincadeiras e construindo e partilhando com estes significados e formas de agir sobre o mundo” (BORBA, 2008, p. 85). Desta maneira, podemos compreender que a brincadeira se configura como lugar por excelência na constituição da cultura infantil:

enfaticamente a brincadeira como espaço fundamental de constituição de uma cultura própria e viva pelos grupos infantis. Por meio das brincadeiras, as crianças transformam tudo o que o mundo lhes oferece em algo pronto, partilhado e específico (BORBA, 2008, p. 86).

Neste âmbito, as mini-histórias surgem a partir dos estudos realizados pelo pesquisador David Altimir (2010) por meio de sua obra “Como escutar a infância”. As mini-histórias propõe a apresentação de relatos imagéticos, que podem ser acompanhados das narrativas do saber-fazer das crianças.

Além de se constituírem como um modo de desinvisibilizar a cultura da infância, as mini-histórias possuem o caráter de documentação pedagógica, e

exigem dos educadores (as), um olhar atento e sensível, pois não há neutralidade perante o uso de registros fotográficos, “implica uma decisão metodológica que implica a observação da conduta sobre uma cultura e a análise da linguagem” (SANTOS; CONTE; HABOWSKI, 2019, p. 4), ou seja:

Quando temos um olhar sensível ao cotidiano, conseguimos colocar a criança como investigadora e artífice das mini-histórias. Nesse sentido, os processos de desenvolvimento da criança surgem de ações cotidianas na interação com os outros e com o meio [...] (SANTOS; CONTE; HABOWSKI, 2019, p. 6).

Desta maneira, no período de 2022 foram realizados registros de imagens e das narrativas das crianças do Infantil I, com faixa etária entre quatro e cinco anos na Emei ‘1,2... feijão com arroz’ localizada no município de Marília-SP. Os registros são constituídos dos processos investigativos, em que as crianças organizam materiais e elementos da natureza encontrados nas áreas arborizadas próximo ao parque da escola.

			
<p>Figura 1: Ao longe se ouvia: -Estamos fazendo uma casa! Uma das crianças diz: - Esta é a parede!</p>	<p>Figura 2: Uma criança da turma se aproxima e pergunta: - Posso brincar com vocês? Outra criança recolhe e organiza galhos e diz: - Esta é a plantação!</p>	<p>Figura 3: - Eu achei um cacho de abelha! Uma das crianças pega um tijolo grande e diz: - Eu achei um tijolo grande para ser o chão.</p>	<p>Figura 4: Com muita alegria e contentamento uma das crianças afirma: - Nossa! Está parecendo uma cidade!</p>
<p>Figuras 1,2,3 e 4: Mini-história produzida a partir de registros fotográficos (2022).</p>			

A partir das imagens podemos observar que os materiais encontrados são constituídos de pedaços de madeira, galhos, folhas secas, gravetos, tijolos, pedras, entre outros materiais. Ao observarmos o percurso investigativo das

crianças da turma, observamos que este momento só foi possível de acontecer a partir da autonomia das crianças. As crianças tiveram liberdade em seu brincar para imaginarem e construir hipóteses para organizar, selecionar e narrarem seu saber-fazer.

Logo, de acordo com PIKANÇO (2008, p. 156), compreendemos que a prática pedagógica deve se constituir de uma pedagogia da participação, a qual é constituída da observação, da escuta e da negociação, ou seja, “precisamos viabilizar um cotidiano na Educação Infantil que respeite as necessidades da criança, onde haja a flexibilização dos tempos, do espaço e do ritmo das atividades”.

Por fim, é necessário salientar que perante a atual crise socioambiental faz-se necessário repensar a prática docente na utilização de materiais que ofereçam menos impactos ambientais, tanto no que se refere a geração de resíduos, como também nas contribuições dos elementos naturais na constituição de linguagens estéticas para a cultura da infância.

Considerações Finais

Neste contexto, ao consideramos as discussões a respeito do governo da infância, com base nas reflexões de diversos autores que discutem sobre a cultura da infância, entre eles, Borba (2008), compreendemos que a presença da mesma como fundamento teórico e metodológico na Educação Infantil contribui para ultrapassar o discurso adultocentrado.

Observamos ainda a dificuldade em realização dos registros dos percursos investigativos de crianças na Educação Infantil para a formulação da documentação pedagógica a partir das mini-histórias, tanto em virtude do tempo disponível para a realização e organização dos registros. Como também da disponibilidade de recursos audiovisuais para a pesquisa no espaço escolar.

Desta maneira, pensar o fazer pedagógico é pensar tanto as linguagens e as características das crianças, bem como, pensar na importância do protagonismo da criança e suas narrativas, no brincar e na construção do conhecimento da criança, mediado pela imaginação. Logo, documentar as narrativas infantis é de suma importância para desinvisibilizar a cultura da criança na Educação Infantil.

Referências

BORBA, Ângela. As culturas da infância no contexto da Educação Infantil. *In: VASCONCELLOS, Tânia. (org.) Reflexões sobre Infância e Cultura*. 1ª ed. – Niterói: EdUFF, 2008, p. 73-92.

FORMOZINHO, Julia. Apresentação. *In: Pedagogia(s) da infância* [recurso eletrônico]: dialogando com o passado: construindo o futuro. FORMOZINHO, Júlia; MORCHIDA, Tizuko; APPEZZATO, Mônica (orgs.) – Porto Alegre: Armed, 2007, p. 7-9.

FORMOZINHO; Julia.; ARAÚJO, Joaquim. Anônimo do século XX. A construção da pedagogia burocrática. *In: Pedagogia(s) da infância* [recurso eletrônico]: dialogando com o passado: construindo o futuro. FORMOZINHO, Júlia; MORCHIDA, Tizuko; APPEZZATO, Mônica (orgs.) – Porto Alegre: Armed, 2007, cap. 12, p. 290- 322.

NETO, Alfredo. Por que governar a infância? *In: RESENDE, Haroldo (org.). Michel Foucault: o governo da infância*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, cap. 3, p. 49-56.

NETO, Alfredo; LOPES, Maura C. Inclusão e Governamentalidade. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 947-963, out. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/CdwxsTyRncJRf8nmrhmYjsg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02 de jul. de 2023.

PICANÇA, Mônica. Educação Infantil: Lugar de criança ou de aluno? *In: VASCONCELLOS, Tânia. (org.) Reflexões sobre Infância e Cultura*. 1ª ed. – Niterói: EdUFF, 2008, p.155 - 167.

RESENDE, Haroldo. A infância sob o olhar da pedagogia: traços da escolarização na Modernidade. *In: RESENDE, Haroldo (org.). Michel Foucault: o governo da infância*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, cap. 8, p. 127-139.

RODRIGUES BRANDÃO, C. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. São Paulo: Ideias e Letras, 2015.

SANTOS, C.; CONTE, E.; HABOWSKI, A. Conte e Habowski; Pedagogia das imagens na educação infantil: mini-histórias e a documentação pedagógica. Revista eletrônica **Educ. Perspect**. Viçosa, v. 10, p.1-16, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoem perspectiva/article/view/8127/5642>. Acesso em 16 de fev. de 2023.

VASCONCELLOS, Tânia. Infância e Narrativa. *In: VASCONCELLOS, Tânia. (org.) Reflexões sobre Infância e Cultura*. 1ª ed. – Niterói: EdUFF, 2008, p. 93 – 126.